



Geopolítica do sagrado: o Círio de Nazaré em Belém e suas definições, um campo de conflitos

Geopolitics of the sacred: the Círio de Nazaré in Belém-PA and its definitions, a field of conflicts

Vanda Pantoja - Professora adjunta da Universidade Federal do Maranhão, Campus II, Doutora em Antropologia, Universidade Federal do Pará (UFPA), Mestre em Antropologia, UFPA. E-mail: vanpantoja@gmail.com

Resumo

O Círio de Nossa Senhora de Nazaré é uma das maiores celebrações religiosas do catolicismo popular no Brasil. Acontece na capital paraense há mais de dois séculos e se constitui como um dos momentos mais festivos dessa parte da Amazônia Brasileira. Neste texto, a partir da análise de dados de campo, tentamos compreender a celebração a partir do conflito de interesses entre os agentes presentes no contexto de organização. Temos como referência a Diretoria da Festa, instituição responsável por organizar a celebração desde a primeira década do século XX, as empresas patrocinadoras e os devotos. Nossa hipótese é que há um desejo, por parte da diretoria, não apenas de organizar e controlar a celebração, mas de defini-la, dizer o que é o Círio e, conseqüentemente, o ele não é.

Abstract

The Círio de Nossa Senhora de Nazaré is one of the greatest religious celebrations of popular Catholicism in Brazil. It has happened in the capital of Pará for more than two centuries and is one of the most festive moments in this part of the Brazilian Amazon. This text, from the analysis of field data, we try to understand the departure of the conflict of interests between the agents present in the organization context. The councils for formation, the initiative responsible for organizing a match since the first decade of the twentieth century, as corporate sponsors and devotees. By the way, it's not just an organization, but it's also an organization, not just an organization and control, but the isis not.

Palavras-chave

Círio de Nazaré. Diretoria da festa. Conflito. Igreja católica.

Keywords

Círio de Nazaré. Board of the festa. Conflict. Catholic church.

INTRODUÇÃO

Círio é a forma como se denomina a principal procissão do conjunto de celebrações envolvidas no culto a Nossa Senhora de Nazaré, em Belém, há mais de 200 anos¹. É também como se nomeia o tempo – cerca de vinte dias, de homenagens à padroeira da cidade. Assim, círio é tanto a nomeação específica de uma procissão, quanto de um tempo no qual acontece um conjunto de celebrações religiosas e não religiosas. Acontece no mês de outubro e inclui procissões, missas, feiras de brinquedos regionais, exposições de arte, show musicais, arraiais, festas de aparelhagem e muitos outros festejos cidade a dentro. Todos os festejos do Círio mobilizam diversas espacialidades, despertam sentidos variados de acordo com a intencionalidade dos diferentes grupos que participam das celebrações.

Assim como são plurais os sentidos para quem participa da festa, são plurais também as abordagens que se fizeram/fazem da celebração na literatura acadêmica. A literatura que se tem produzido sobre o Círio é vasta, oriunda de diferentes áreas do conhecimento e bastante diversificada nas abordagens². As preocupações vão desde questões sobre a relação da celebração com a imprensa (MONTARROYOS, 1992; ALVES, 2002, 2012; SOUSA, 2013), passando por leituras centradas nos efeitos da modernização na celebração (MATOS, 2010), até leituras que privilegiam as espacialidades que surgem a partir da celebração, a exemplo do cenário musical (COSTA, 2006). Por questões de espaço, farei referência aqui apenas aos primeiros trabalhos feitos sobre o Círio e aqueles que estejam, por natureza de abordagem, relacionados ao objetivo deste artigo que é compreender a celebração a partir das relações de conflito entre a Diretoria da Festa, os patrocinadores e os devotos.

Os primeiros olhares sobre o Círio já primavam pela diversidade de abordagem. Assim, temos a celebração vista como um fenômeno social de grande importância sob a ótica da Geografia Humana, a partir da mobilidade ou “transumância” entre o interior e a cidade provocada por ocasião do Círio, como verificou Eidorfe Moreira (1971) ou, a partir de um ponto de vista estruturalista, como fez Isidoro Alves (1980), que concebeu o Círio como um momento ritual que por meio da dimensão simbólica revela a estrutura de um amplo sistema de relações sociais; Rocque (1981) se preocupou em registrar a história da

¹ Em 2018 a celebração do Círio completou 225 anos.

² Desde 2014, quase todo esse material produzido sobre o Círio está disponível para consulta na Biblioteca do Círio, projeto da Universidade Federal do Pará, que reúne em um só lugar os trabalhos realizados sobre essa manifestação cultural (Disponível em: www.bibliotecadocirio.org).

celebração por dois séculos, fornecendo, assim, importantes informações sobre a mesma. Montarroyos (1992) produziu uma literatura a partir do que se relatou a respeito do Círio na imprensa escrita. Partindo de uma perspectiva antropológica, Maués (1995) pensou o Círio de Nazaré como exemplo da tensão que caracteriza o catolicismo como um todo. Pantoja (2006), tendo como ponto de partida a relação entre a Diretoria da Festa e os demais envolvidos no processo de organização da celebração, mostrou a tensão que marca o processo de produção do Círio, em que a autora chama atenção para a dimensão econômica presente na celebração. Ainda privilegiando o conflito, Corrêa (2010) se debruça sobre as tensões existentes entre os elementos tradicionais do Círio como “corda, manto e almoço” e da festa religiosa em si, com seus “espaços profanos”. Alves (2012) e Sousa (2013), do ponto de vista da comunicação, se preocuparam com as tensões advindas da relação da celebração com a mídia televisiva e a Internet.

Como se vê, são muitos os estudos preocupados em compreender a celebração do ponto de vista do conflito. Nesse texto, nos aproximamos dos autores que pensam o Círio a partir dessa perspectiva e propomos uma compreensão da celebração tendo como ponto de partida os interesses de diferentes agentes: Diretoria da Festa, devotos e empresas patrocinadoras, presentes no processo de organização da celebração. Ao longo do texto trabalhamos com a tese de que além do desejo de controle (MAUÉS, 1995), há um desejo de definição do Círio por parte da instância organizativa Diretoria da Festa. Esse coletivo, formado apenas por homens, ao longo dos Círios, tenta produzir uma celebração que responda às expectativas da Igreja Católica acerca do que essa instituição pretende que seja o Círio. Tal expectativa gera uma série de práticas, entendidas aqui como práticas políticas, que têm como eixo a relação entre sagrado e poder.

Por se tratar de um bem de natureza simbólica, todo processo de gerência da celebração precisa ser negociado com os demais agentes envolvidos no amplo repertório que envolve o Círio, assim, todas as decisões tomadas pela diretoria em relação ao Círio precisam ser negociadas com os devotos, com a mídia e, mais recentemente com empresas que desde 2003 fazem parte da celebração como patrocinadoras oficiais via modelo instituído pela Diretoria da Festa³.

Evidências do desejo de controle sobre o sagrado se manifestaram no Círio de diferentes formas ao longo do tempo. Na atualidade essas tentativas são percebidas de diversas formas: desde o desejo de criar um conceito sobre o Círio, isto é, dizer como ele deve se apresentar e quais ritos dele fazem parte,

³ Desde 2003 a Diretoria da Festa tem inovado no que refere à captação de recursos para a realização da celebração. Iniciou o projeto patrocinador do Círio de Nazaré, uma espécie de profissionalização de patrocínios que já existiam no contexto da festa, mas que não eram marcados por uma visão empresarial e contratual. Desde então o projeto vem se especializando a cada Círio no sentido de torna-se mais eficiente.

até a tentativa de registro de uma marca para o Círio via Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI)⁴. Saindo do âmbito da DF e da Igreja Católica e partindo de uma definição ampla e popular o Círio possui uma série de celebrações “sagradas” e “profanas” associadas⁵, porém, de acordo com a Diretoria, seguindo uma perspectiva eclesial, fazem parte do Círio apenas celebrações de natureza religiosa, tal concepção implica deixar de fora do Círio um conjunto de ritos e demais eventos que em seu conjunto definem e compõe aquilo que se entende popularmente como Círio, assim como restringem o “tempo do Círio”.

A partir de dados pontuados ao longo do texto procuramos mostrar que a celebração do Círio tem sido um instrumento que de tempos em tempos é objeto de disputa pelos agentes que fazem parte da instância organizativa (DF) e os demais agentes com algum poder de gerência como promesseiros da corda, empresários, mídia e o povo participante em geral. Tal disputa pelo poder revela diferentes concepções sobre o sentido do evento enquanto celebração religiosa, patrimônio cultural, manifestação popular, produto cultural e todas as possíveis atribuições.

Alves (1980) mencionava em sua pesquisa sobre uma “ideologia do controle” por parte da Diretoria da Festa em relação ao Círio, percebida sempre que o poder da mesma se encontrava ameaçado por outros agentes. Trata-se, segundo ele, de uma “retórica” manifesta por meio de um discurso, que em determinados momentos traz à tona uma série de ideias já pré-concebidas sobre a devoção, e que tem como objetivo afastar qualquer outro discurso que ameace seu controle sobre a devoção.

Pantoja (2006) trabalhou com a hipótese de que a celebração, dada a sua dimensão, constitui aquilo que Mauss (2003) chamou de fato social total. Nesse sentido, seria possível verificar no interior da celebração sujeitos, interesses, sentidos e intencionalidades diversas. Trata-se de pensar a celebração do Círio, não apenas como um objeto a ser manipulado e apropriado por esse ou aquele agente, mas como uma *coisa* no dizer de Ingold (2012, p. 29), “um “acontecer”, ou melhor, um lugar aonde vários aconteceres se entrelaçam”

Assim concebida, a coisa tem o caráter não de uma entidade fechada para o exterior, que se situa no e contra o mundo, mas de um nó cujos fios constituintes, longe de estarem nele contidos, deixam rastros e são capturados por outros fios noutros nós. Numa palavra, as coisas *vazam*, sempre transbordando das superfícies que se formam temporariamente em torno delas (INGOLD, 2012, p. 29).

⁴ O pedido foi realizado pela Diretoria no início dos anos 2000, até então não houve decisão.

⁵ De acordo com documentos divulgados pela Diretoria da Festa em 2016 havia 26 eventos associados ao Círio que tinham a DF como entidade organizadora. No entanto, esse número é maior tendo em vista que a Diretoria não considera como evento associado uma série de celebrações que não passam por sua gerência.

Isso permite pensar o Círio não apenas como um resultado ou produto de certa agência ou agências (STRATHERN, 2006), mas como um processo, também político, capaz de mobilizar os diferentes agentes que dele fazem parte, não apenas como organizadores, devotos, patrocinadores etc., mas como *fiéis* que, via processo Círio, se atualizam enquanto poder. Nesse sentido, a celebração não atualizaria apenas a fé do devoto de Nossa Senhora de Nazaré, ela também expressa e atualiza o Círio enquanto processo de fluxos, fora e dentro de si; fora quando é planejado, formatado e idealizado pelos diferentes agentes, e dentro de si quando acontece como *coisa*, autônomo ao ponto de não se expor aos desejos manifestos dos agentes, as procissões, os autos, feiras e festas na periferia da cidade, são os círios “sem controle”.

1 NO PRINCÍPIO ERA A FÉ...

No início da devoção a Nossa Senhora de Nazaré em Belém na primeira década do século XVIII o culto era realizado por leigos, não havia presença da instituição Igreja. Segundo a narrativa local acerca da origem da devoção, o culto surgira por iniciativa de um senhor que teria achado a imagem de uma santa às margens de um igarapé, esse senhor que na narrativa local era Plácido José de Souza, ficara a frente da devoção sem intervenção da Igreja até a segunda década do século XVIII, época em que teria acontecido a apropriação da celebração pela Igreja a partir da visita de uma autoridade religiosa à pequena imagem, o controle da Igreja sobre a devoção somente se consolidaria na última década do mesmo século por meio da oficialização da devoção: a invenção do Círio de Nazaré no ano de 1793 (ROCQUE, 1981, MAUÉS, 1995, 1999).

A presença de representantes do poder religioso no contexto da celebração entre a segunda e a terceira década do século XVIII, e do poder político, no final do mesmo século, deram caráter de oficialidade à celebração que, a partir de então, não pode ser pensada dissociada do poder controlador do Estado e da Igreja. Em 1793, por iniciativa do “capitão de fragatas” Francisco Coutinho de Souza, então governador da província do Pará, foi realizado o primeiro Círio de Nazaré. Desde então a celebração passaria a ser pensada como uma manifestação religiosa representativa, na Colônia, do catolicismo lusitano, para tanto, foi necessário o expurgo de práticas consideradas não condizentes, segundo a visão da Igreja, com o “verdadeiro” catolicismo, práticas, que por quase um século, já aconteciam na devoção, tendo em vista seu caráter popular.

A relação de mais de 200 anos entre a Igreja e a devoção é marcada por frequentes conflitos entre as duas frações do catolicismo: o Catolicismo Oficial

representado pela Igreja Católica, e o Catolicismo Popular representado pelos devotos. Ambas as categorias são assim definidas:

(...) desejo definir bem claramente o sentido em que utilizo a expressão “catolicismo popular”. Ela é empregada, comumente, para fazer a distinção dessa forma de catolicismo daquela que às vezes se chama de “oficial”, isto é, a que é professada pela igreja hierárquica, que a procura incutir no conjunto da população (...) não se trata de um “catolicismo das classes populares”, pois no conjunto da população católica (os leigos em oposição aos sacerdotes) independentemente de suas condições de classe, professa alguma forma de catolicismo popular, que às vezes é partilhada mesmo pelos clérigos, assim como os leigos também partilham do catolicismo oficial. Entendo, pois, por catolicismo popular aquele conjunto de crenças e práticas socialmente reconhecidas como católicas de que partilham, sobretudo os não especialistas do sagrado, quer pertençam às classes subalternas ou às classes dominantes (MAUÉS, 1999, p. 171)

Segundo Maués, é a partir da relação entre as práticas do catolicismo eclesástico e do catolicismo popular que se dá a reprodução do catolicismo enquanto crença, sendo essa relação de contrários a condição de existência do fenômeno catolicismo que, a partir de movimentos de recuo e de avanço, se reproduz enquanto crença.

Assim, ao longo da história do Círio têm sido comuns episódios conflituosos envolvendo as duas formas de poder presentes e constitutivas dessa manifestação religiosa: o poder religioso-político-econômico de um lado e o poder leigo de outro.

O poder religioso-político-econômico na atualidade é encarnado pela Diretoria da Festa responsável por organizar a celebração e pelo capital, via empresários, responsável por parte do custeio da festa.

A Diretoria da Festa representa ideologicamente a Igreja Católica, portanto, as decisões tomadas nessa instância têm como propósito fazer um Círio de acordo com os preceitos de uma devoção católica o quanto menos penetrada por elementos “folclóricos”⁶, há o reconhecimento por parte da DF de que alguns itens da celebração possuem grande valor cultural enquanto representativos de elementos da cultura regional, particularmente amazônica, como o brinquedo de miriti, os cortejos de boi-bumbá, as danças regionais, no entanto, tal perspectiva não avança no sentido de definir tais elementos como sendo o Círio. Eles podem até fazer parte do Círio, mas não *são* o Círio.

⁶ Trata-se de termo mencionado em entrevista por um Diretor da Festa quando se referia ao desejo da DF em não permitir que elementos da cultura popular como a Marujada tenham grande representação no Círio.

Sendo também uma instituição de natureza religiosa⁷, logo representativa de um modelo de catolicismo eclesial, a DF tem nos devotos seu contraponto, isto é, a representação do catolicismo popular, assim, todas as práticas da Diretoria têm como objeto de controle os devotos, estes, por sua vez, entendem a devoção como algo sem limites no que refere às formas de expressão de fé. Nesse sentido, na perspectiva do devoto, as procissões teriam tempo para começar e jamais para acabar, no entanto, como a mesma é transmitida em tempo real pela televisão local, precisa cumprir tempo estabelecido pelos acordos entre Diretoria e emissora de TV. Estabelece-se, assim, um exemplo da “tensão constitutiva do catolicismo” proposta por Maués (1999) quando comenta sobre a tensão entre Igreja e povo e destes entre si, como elemento presente na esfera do catolicismo e como condição para sua (re)produção. De acordo com o autor, a ação do povo frente às iniciativas controladoras do catolicismo oficial se dá através de “fluxos” e “refluxos”, chegando, em certos momentos, a quase total anulação das práticas da Igreja, porém, em outras ocasiões, as ações da Igreja são tão presente que quase anulam a ação do povo (MAUÉS, 1999, p. 486).

Ao longo da história do Círio um dos momentos em que a ação do devoto fez frente às ações controladoras da Igreja foi por ocasião dos “Círios civis” nos anos de 1878 e 1879, quando devotos e Irmandades Religiosas, então responsáveis pela organização da celebração, desobedeceram as ordens de dona Macedo Costa, bispo há época, que proibiu a realização dos serviços religiosos por motivos de “representações indecorosas” no espaço do Arraial de Nazaré, o conflito teve seu ápice com a realização da festa sem a presença de autoridades religiosas, mas com apoio do poder político local (ROCQUE, 1981, p. 63-83).

Nos Círios contemporâneos um dos elementos por meio do qual mais se percebe as ações da Igreja no sentido de controlar a devoção é a corda do Círio, por outro lado, tem sido por meio da corda também que se tem observado as ações de resistência por parte dos devotos às regras impostas pela Diretoria (PANTOJA, 2006; CORREA, 2010).

A seguir, apresento duas situações que ilustram e atualizam o desejo de controle sobre o Círio e o conflito de interesses entre diretores da festa, devotos e empresários: a) a relação entre Diretoria da Festa, Guardas de Nossa de Nazaré e devotos, e b) a articulação entre a celebração e o mercado, via empresas, por meio do patrocínio oficial.

⁷ Apesar da Diretoria da Festa ser formada em sua maior parte por leigos nossas conclusões, a partir de observações de campo, é que não estes não são leigos comuns, pois que os dois diretores com quem mantive diálogos me relataram que antes de entrarem na Diretoria já eram experientes na vida cristã, os dois eram membros de grupos religiosos cristãos como Encontro de Casais com Cristo (ECC). Aliás, suponho que ser “engajado” na vida cristã seja um critério para que um homem seja convidado ou indicado a integrar a Diretoria da Festa.

2 DIRETORIA DA FESTA, GUARDA DE NAZARÉ, DEVOTOS E SANTA

A presença da Diretoria da Festa na procissão do Círio é altamente marcada, física e simbolicamente pela segregação da Diretoria em relação aos demais devotos. Os diretores são distintos das outras pessoas não apenas pelas vestes e sapatos brancos que usam ao participarem das procissões, mas, sobretudo pelo lugar geográfico que ocupam no interior do cortejo⁸. Eles se apresentam espacialmente separados do restante das pessoas que caminham na procissão, pois se posicionam “dentro” da corda do Círio, ficam assim protegidos dos empurrões e do vai-e-vem comuns a uma procissão com mais de um milhão e meio de pessoas, se encontram também isolados dos demais participantes por uma espécie de “corda humana” formada pela Polícia Militar e pelos Guardas de Nazaré. Além disso, os diretores estão localizados no espaço de mais alta sacralidade do cortejo, eles ficam próximo à berlinda, espécie de altar protegido com vidros que leva em seu interior a imagem da santa. Lugar para onde todos os olhares convergem.

A Guarda da Santa, assim como a Diretoria, é (re)produtora da ideologia do controle pensada pela Igreja Católica em relação ao Círio, nesse sentido, há uma aproximação entre esses coletivos visto que procuram o mesmo sentido para o Círio, almejam produzir uma procissão o quanto menos penetrada pela intervenção do devoto, almejam um Círio “mais católico e menos folclórico”; por outro lado, Guardas e Diretores são pessoas que podem ser entendidas como muito diferentes do ponto de vista de classe social, instrução, trajetórias e visões de mundo.

A Diretoria é formada por homens de importância econômica e política na cidade, homens com instrução religiosa devido ao pertencimento a grupos de formação religiosa no interior da Igreja, os Guardas, por outro lado, são trabalhadores comuns, funcionários públicos, garçons, vigilantes, trabalhadores braçais, pessoas sem nenhuma projeção na sociedade local e com uma precária formação cristã. Esse movimento de afastamento e proximidade entre diretores e guardas, possibilita a produção de diferentes interpretações acerca do que é

⁸ Os diretores da Festa, assim como os religiosos de mais alto grau presentes no cortejo ocupam um espaço especialmente reservado para eles na procissão. Apesar de atualmente se encontrar abolida a ideia de “fora” e “dentro” já que esta se encontra disposta de forma reta, ainda assim, o espaço logo a frente da berlinda se encontra protegido por uma corda e por policiais militares, mantendo, nesse caso, as mesmas características de “dentro” e “fora” do modelo anterior a 2004.

o Círio, no entanto, como se trata de relações de subalternidade entre os dois grupos, a vontade da DF tende a ser dominante⁹.

A constituição de uma guarda para Nazaré, ou Guarda de Santa como é comumente chamada, pode ser entendida como mais um capítulo de uma série de intervenções que materializam o desejo dos organizadores do Círio em discipliná-lo ao longo do tempo. O idealizador da Guarda foi o padre Barnabita Giovane Incampo que esteve à frente da Basílica de Nazaré na década de 1970. Em entrevista, o padre Giovane nos relatou o contexto em que se deu a instituição da Guarda.

(...) eu reparei que ao redor da berlinda havia muitos macumbeiros que por uma tradição, promessa que eles fazem, eles misturam tudo, macumba e religião, tudo que descaracterizava a devoção, a seriedade da devoção à Nossa Senhora, e com os Guardas de Nossa Senhora de Nazaré ficou mais fácil porque guardas conscientizados espiritualmente com eles podiam contar que substituíam o que não era católico, que era católico mas frequentava duas religiões praticamente, substituí-los para garantir que ao redor da berlinda houvesse pessoas conscientes, cristãs, católicas que podia dirigir pacificamente a serviço de Nossa Senhora... tudo isso foi moralizando o Círio.

A criação da Guarda por padre Giovane tem como finalidade tornar o Círio mais católico e menos “folclórico”, e por folclórico entenda-se popular. Para tanto, o expurgo de certos agentes e certas práticas religiosas, a exemplos dos “macumbeiros”, são, nesse sentido, fundamentais¹⁰.

Se a Diretoria da Festa é a instituição responsável pelo processo de “pensar” a organização geral do Círio, a Guarda de Nazaré é o grupo responsável por pôr em prática o que fora planejado pela diretoria para as procissões, especialmente a do Círio. A guarda é um grupo de cerca de setecentos homens, voluntários, responsáveis por quase todos os serviços necessários à realização do festejo religioso, na origem a Guarda tinha como principal função cuidar da berlinda da santa durante as procissões e do espaço do Arraial de Nazaré para que nele não ocorressem excessos condenáveis pela Igreja¹¹.

⁹ É bom dizer que há uma grande diferença entre os membros da Diretoria da Festa e os membros da Guarda de Nazaré. Eu diria que ideologicamente os membros da Diretoria estão mais afinados com a Igreja, pois são representantes de uma classe economicamente mais abastada e com uma longa “caminhada” na Igreja através dos movimentos católicos de caráter tradicional. Já os guardas de Nazaré apesar de reproduzirem a ideologia da Igreja, já que cumprem ordens da Diretoria, em termos de classe e de formação cristã encontram-se mais afinados com a maior parte dos devotos do catolicismo popular, principalmente no que se refere à precária formação cristã.

¹⁰ As aspas indicam palavras utilizadas pelo informante.

¹¹ No momento de criação da Guarda na década de 1970 esses excessos se referiam aos namoros que costumavam acontecer no espaço do Arraial anexo à Igreja.

No momento de organização do Círio são poucas, quase nula, as intervenções dos devotos no formato do Círio, no entanto, é por ocasião da realização das procissões que eles têm uma participação ativa e muitas vezes definitiva sobre as procissões à revelia de qualquer organização pensada pela Diretoria da Festa ou desejo dos patrocinadores.

Mas é também no processo de acontecer que o Círio se faz à revelia de todos e ao mesmo tempo incluindo todos. A DF e a Guarda se dizem incapazes de controlar os devotos e estes reclamam dos excessos de diretores e guardas, é nesse movimento que o Círio se faz.

No ano de 2004 a diretoria modificou profundamente a organização espacial da celebração ao alterar a disposição da corda ao longo da procissão¹². Por meio dos discursos que justificavam tal alteração à época, pode-se ver como a diretoria lida com os outros agentes presentes no contexto do Círio.

Dependendo do contexto em que discursava, e para quem, a Diretoria mudava a forma do discurso, mas sem alterar seu conteúdo controlador. Ao se dirigir aos Guardas de Nazaré para esclarecê-los sobre as modificações há época na corda, um dos diretores utilizava de linguagem simples, já que a maior parte dos guardas é constituída por trabalhadores advindos das camadas populares, e lançava mão, em especial, de aspectos pedagógicos do discurso religioso para torná-lo eficaz. Enfatizava sobre a importância dos guardas no contexto do Círio, sendo as procissões o momento privilegiado para que estes pudessem demonstrar que eram homens “humildes”, “obedientes aos superiores”, e “cristãos” como Maria. Destacava que a procissão não é momento de “intrigas”, de “ vaidades”¹³, e que Nossa Senhora e os “chefes de equipe¹⁴” estariam observando o comportamento da Guarda durante as procissões. Ao dizer isso a Diretoria se utiliza do aspecto coercitivo também presente na *ideologia religiosa*¹⁵.

Aliada à autoridade de quem fala por uma instituição religiosa a diretoria lança mão, no intuito de legitimar seu discurso, de ideias já pré-construídas sobre o Círio, como “retorno a tradição”, “manutenção do controle” sobre a festa e “união entre corda e berlinda”¹⁶.

¹² Tal alteração modificou a disposição da corda na procissão. Isso mexeu diretamente com um dos agentes mais simbólicos da devoção, os promesseiros da corda, pessoas que, como diz o nome, pagam seus votos com a Santa segurando a corda que, presa à berlinda, puxa e controla o ritmo da procissão.

¹³ Muitos guardas de Nazaré definem os diretores as festa como “poço de vaidades” visto que adoram “ficar dando tchauzinho para seus parentes que estão nos prédios olhando a procissão passar.

¹⁴ Guardas que gerenciam o trabalho de outros guardas durante os cortejos.

¹⁵ Não de trata de força ou coerção física, mas de um domínio privilegiado, que se dá por meio do poder da palavra (ALTHUSSER apud ORLANDI, 1996, p. 242).

¹⁶ São termos utilizados por membros da DF para justificar as mudanças na corda.

Por outro lado, quando a fala dos diretores tem como alvo a imprensa local o discurso sobre a mudança da corda enfatiza especialmente a legitimidade da alteração por seu valor simbólico. O simbolismo está ligado à ideia de que a partir dessa alteração a corda tende a permanecer atrelada à berlinda até o final das procissões, o que significaria a não interrupção da ligação entre mãe (a santa) e filhos (os devotos), o que também remete às origens do Círio, uma espécie de “retorno à tradição”. Assim se expressa a Diretoria sobre o assunto.

Estamos voltando à origem da história dessa tradição que surgiu quando uma corda foi usada para puxar a berlinda que estava atolada. Essa volta a ser a sua função [da corda], a de puxar a berlinda.

3 “O CÍRIO SEM OS PATROCINADORES NÃO É NADA”

Enquanto processo o Círio envolve a feitura de transações financeiras. Nos últimos anos a celebração tem tomado o lugar de mercadoria capaz de ser trocada no mercado e por meio disso se autorrealizar enquanto processo religioso econômico e político ao mesmo tempo. Portanto, a capacidade de ser mercadoria não se dá fora do contexto de ser coisa sagrada, ao contrario é por ser coisa sagrada que pode ser também *bem* de troca. Os bens de natureza simbólica expressam, de acordo com Rosendahl (2003, p. 189), “uma realidade dotada de algum valor, às vezes valor moral e, na maioria das vezes, um tipo de valor positivo”. A idealização de uma forma de captação de recursos que pudesse financiar a realização da celebração do Círio e seus vários ritos associados e que pudesse colaborar para as obras assistenciais da paróquia, motivou a criação de um projeto que mudaria a fisionomia e a forma de gestão do Círio: o patrocínio oficial.

Grosso modo, consiste em um contrato entre a DF e empresas públicas e privadas de nível local e nacional que permite, via pagamento de um valor em dinheiro, que a DF dispense às empresas a possibilidade de uso comercial de elementos ligados à celebração no mercado secular, como fotografias da imagem da santa, fitas, fotografias da corda do círio, das procissões, ou de qualquer outro elemento de forte associação com a celebração¹⁷ em sua dimensão sagrada. Dessa forma, segundo a DF, ambas “saem ganhando”: as empresas ganham porque associam suas marcas a um bem de alto valor simbólico com grande potencial de comercialização e a Diretoria ganha ao ter um orçamento “fixo” para as despesas do Círio, além de se utilizar do nome de grandes e sólidas empresas para propagandear seu produto, o Círio.

¹⁷ É bom dizer que no caso da imagem da santa, somente são utilizadas as fotografias da imagem peregrina. Já a imagem da “santa original” não é utilizada.

O projeto é considerado um sucesso por seus idealizadores, que já não conseguem pensar a celebração fora do contexto de patrocínio oficializado. Em conversa informal com um diretor no ano de 2011, o mesmo dizia não saber o que seria do Círio se não fossem as empresas patrocinadoras. Desde o lançamento do projeto, em 2003, o número de patrocinadores tem permanecido entre 11 e 18, e as mesmas marcas têm se mantido no negócio. O número de marcas que deseja ter seu nome associado à celebração é bastante grande, porém, nem todas conseguem dar conta das contrapartidas exigidas pelos contratos com a DF. Dessa forma, no ano de 2009 foi idealizado e lançado o Projeto Apoiador do Círio de Nazaré, que consiste em trazer empresas para o contexto da festa que não conseguem arcar com as responsabilidades de patrocinador, mas desejam ter seus produtos associados à celebração. Assim, as empresas apoiadoras pagam uma quantia menor e também recebem “direitos” menores sobre o uso da marca Círio¹⁸. Em 2003, quando o projeto foi criado, a cota do patrocínio oficial estava em torno de R\$ 50 mil, em 2016 o valor ficou em R\$ 85 mil.

A ideia do patrocínio oficial do Círio surgiu em um contexto de certas mudanças no cenário religioso brasileiro. O grande crescimento do seguimento evangélico confirmado pelo censo do IBGE no ano de 2000 balançou as estruturas que se pensavam sólidas da Igreja Católica. A ressonância desse abalo foi percebida na igreja paraense e uma série de mudanças ocorridas no contexto do Círio¹⁹ estão relacionadas à perda de fiéis pela Igreja Católica e ao avanço dos pentecostais, tendo em vista que o Círio é estratégico, pois se trata do momento ápice de evangelização para os católicos.

4 NA PROCISSÃO DAS DIFERENÇAS O “DESEJO DE TOTALIDADE”

Em momento de instabilidade entre as instituições religiosas (GUERRA, 2003) todos os mecanismos possíveis na manutenção das igrejas precisam ser reavaliados segundo uma ótica eficaz no que refere a sua funcionalidade e eficiência enquanto mantenedoras de uma determinada crença. É com esse propósito que a DF experimenta diferentes formas de captação de recursos e utiliza expedientes não convencionais da esfera da religião para gerenciar o sagrado, tais expedientes têm demonstrado que são funcionais do ponto de vista prático, por isso a interpretação da Diretoria e que são “bons” para a celebração. Do ponto de vista financeiro essa forma de gerenciar o sagrado tem sido uma

¹⁸ Em 2009 quando o projeto Apoiador do Círio foi lançado, cada empresa podia colocar a logomarca de seu produto em 500 cartazes da santa e a colocação de um *banner* do site oficial do Círio.

¹⁹ Algumas dessas mudanças são identificadas e caracterizadas por Pantoja (2006; 2011).

alternativa bem sucedida para o Círio, por outro lado, do ponto de vista da relação entre Círio e povo, o patrocínio tem aumentado os episódios de tensão, pois tem causado um maior distanciamento entre a celebração e os devotos, visto que a introdução na celebração de empresas patrocinadoras, em outras palavras, do mercado, tem causado um “rigor” maior na organização da mesma, rigor que se manifesta no controle do tempo das procissões e no cerceamento das formas populares de pagar promessas, questões que, para os devotos, não podem ser alteradas. A prática do patrocínio oficial que tem como propósito fazer o Círio cada vez maior, agudiza os fenômenos de fragmentação e atualiza, sob outra perspectiva, agora com traços do mercado, os conflitos e tensões no Círio.

REFERÊNCIAS

ALVES, Isidoro. **O carnaval devoto**: um estudo sobre a festa de Nazaré em Belém. Petrópolis, 1980.

ALVES, Regina. **Círio de Nazaré**: da taba marajoara à aldeia global. 2002. 425 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea). Universidade Federal do Pará, Belém, 2002

_____. **O manto, a mitra e o microfone**: a midiaticização do Círio de Nazaré em Belém do Pará. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal do Pará. Belém, 2012.

CORREA, Ivone Maria Xavier. **Círio de Nazaré**: a festa da fé e suas (re)significações culturais 1970-2008. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2010.

COSTA, Antonio Maurício. A Festa dentro da Festa: Recorrências do modelo festivo do circuito bregueiro no Círio de Nazaré em Belém do Pará. **Campus - Revista de Antropologia**. v. 7, n. 2, p. 83-100, 2006. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/campus/article/view/744>>. Acesso em: 2018.

STRATHERN, Marilyn. **Gênero da Dádiva**: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

GUERRA, Lemuel Dourado. **Mercado religioso no Brasil** – competição, demanda e a dinâmica da esfera da religião. João Pessoa: Ideia, 2003.

INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

MATOS, Lucília da Silva. **Belém em festa**: a economia lúdica da fé no Círio de Nazaré. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais. Doutorado em Ciências Sociais. São Paulo, 2010.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesialístico**. Belém: Cejup, 1995.

———. **Uma outra “invenção” da Amazônia: religiões, histórias, identidades**. Belém: Cejup, 1999.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac e Naify, 2003.

MONTARROYOS, Heraldo. **Festas profanas alegrias ruidosas**. Belém: Falângola, 1992.

MOREIRA, Eidorfe. **Visão geo-social do Círio**. Belém: Imprensa Universitária, 1971.

ORLANDI, Eni Puccinelli. O discurso religioso. In: **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 1996.

ROSENDAHL, Zeny. Espaço, cultura e religião: dimensões de análise. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

ROCQUE, Carlos. **História do Círio e da festa de Nazaré**. Belém: Mitograph, 1981.

SOUSA, Thamiris Magalhães de. **Igreja Católica no mundo digital: as tensões entre discurso e prática da igreja na era da internet e as redes de relacionamento do Círio de Nazaré, em Belém do Pará, como fenômeno de midiaticização religiosa**. Dissertação de Mestrado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. São Leopoldo, RS 2013. 189p.

PANTOJA, Vanda. **Negócios sagrados: reciprocidade e mercado no Círio de Nazaré Belém-PA**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Área de concentração em Antropologia. Belém, 2006, 135 p.

———. **Santos e visagens ou católicos e protestantes na Amazônia Marajoara**. Tese de doutoramento. Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Área de concentração em Antropologia. Belém 2011.

Texto submetido à Revista em 27.09.2017
Aceito para publicação em 20.04.2018